

Perspectivas acadêmicas em um cenário de saúde penitenciário

Academic perspectives in a prison health care setting

Perspectivas acadêmicas em un entorno sanitario penitenciario

Recebido: 22/04/2022 | Revisado: 02/05/2022 | Aceito: 08/05/2022 | Publicado: 14/05/2022

Anderson Batista dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6118-999X>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: anderson_batista13@hotmail.com

Ronaldo Luchesi Maciel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9299-6877>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: ronaldo_maciel46@hotmail.com

Mateus Rodrigo Palombit

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3199-6384>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: mateuspalombit@gmail.com

Kassiano Carlos Sinski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9718-9388>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: kassianosinski@gmail.com

Alexandre Inácio Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8443-4943>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: alexandre.inacio13@hotmail.com

Marcela Martins Furlan de Leo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3457-5999>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: marcela.leo@uffs.edu.br

Jeferson Santos Araujo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3311-8446>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: jeferson.araujo@uffs.edu.br

Vander Monteiro da Conceição

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0972-0795>
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
E-mail: vander.conceicao@uffs.edu.br

Resumo

Objetivo: Relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem em um contexto de relações masculinas de um complexo penitenciário. **Métodos:** Estudo do tipo relato de experiência, sobre as percepções acadêmicas ao vivenciar um cenário de privação de liberdade em um Complexo Penitenciário, na ótica das masculinidades. Os acadêmicos acompanharam a rotina dos homens privados de liberdade, agentes de segurança penitenciária e profissionais de saúde que atuam nesse espaço. A imersão aconteceu entre os anos 2018 e 2019, num período de 12 meses. **Resultados:** Anteriormente a imersão dos acadêmicos, foi realizado um estudo semanal de preparação teórica sobre as masculinidades, antropologia médica, saúde do homem e sobre o contexto de privação de liberdade. Já em campo, foram utilizados os grupos educativos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego e do Programa de Educação de Jovens e Adultos, para acesso aos apenados, enquanto os agentes de segurança penitenciária e profissionais de saúde foram acompanhados em seus setores. Um diário de campo foi iniciado e nele transcritas todas as vivências e percepções acadêmicas com esse público. **Considerações Finais:** Verificou-se como a assistência em enfermagem trabalha dificultosamente em contextos singulares, e como esse processo ainda precisa ser aprimorado para públicos e cenários de maior vulnerabilidade, para então alcançar uma saúde igualitária.

Palavras-chave: Masculinidades; Prisioneiros; Saúde do homem; Prisões; Assistência à saúde.

Abstract

Objective: To report the experience of nursing students in a context of male relationships in a penitentiary complex. **Methods:** Study of the type experience report, about the academic perceptions when experiencing a scenario of deprivation of freedom in a Penitentiary Complex, from the perspective of masculinities. The students followed the routine of men deprived of liberty, prison security agents and health professionals who work in this space. The immersion took place between the years 2018 and 2019, over a period of 12 months. **Results:** Prior to the immersion of the academics, a weekly study of theoretical preparation was carried out on masculinities, medical anthropology, men's

health and on the context of deprivation of liberty. In the field, the educational groups of the National Program for Access to Technical Education and Employment and the Youth and Adult Education Program were used to access the inmates, while the prison security agents and health professionals were accompanied in their sectors. A field diary was started, in which all the academic experiences and perceptions with this public were transcribed. Final Considerations: It was verified how difficult nursing care works in unique contexts, and how this process still needs to be improved for publics and scenarios of greater vulnerability, to then achieve an egalitarian health.

Keywords: Masculinities; Prisoners; Men health; Prisons; Health care.

Resumen

Objetivo: Relatar la experiencia de los estudiantes de enfermería en un contexto de relaciones masculinas en un complejo penitenciario. **Métodos:** Estudio de la experiencia tipo informe, sobre las percepciones académicas al experimentar un escenario de privación de libertad en un Complejo Penitenciario, en la perspectiva de las masculinidades. Los estudiantes siguieron la rutina de los hombres privados de libertad, los agentes de seguridad de las prisiones y los profesionales de la salud que trabajan en este espacio. La inmersión tuvo lugar entre los años 2018 y 2019, en un periodo de 12 meses. **Resultados:** Antes de la inmersión de los académicos, se realizó un estudio semanal de preparación teórica sobre masculinidades, antropología médica, salud masculina y el contexto de la privación de libertad. En el campo, se utilizaron grupos educativos del Programa Nacional de Acceso a la Educación Técnica y al Empleo y del Programa de Educación de Jóvenes y Adultos para acceder a los reclusos, mientras que los agentes de seguridad penitenciaria y los profesionales de la salud fueron acompañados en sus sectores. Se inició un diario de campo y se transcribieron en él todas las experiencias y percepciones académicas con este público. **Consideraciones finales:** Se verificó la dificultad de los cuidados de enfermería en contextos singulares, y cómo este proceso aún necesita ser mejorado para públicos y escenarios de mayor vulnerabilidad, para luego lograr una salud igualitaria.

Palabras clave: Masculinidades; Prisioneros; Salud de los hombres; Prisiones; Atención de la salud.

1. Introdução

De acordo com dados oficiais do governo brasileiro, no ano de 2019, a população de apenados¹ era de, aproximadamente, 750 mil pessoas, dessas, 95,06% homens. O governo ainda divulgou que, no mesmo ano o Brasil apresentava uma taxa de 8.638 casos de tuberculose, 7.742 casos de Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), 5.449 casos de Sífilis e 4.927 casos de outras comorbidades na população carcerária (Brasil, 2018). No contexto da criminalidade masculina, Araujo e Zago (2019) estabelecem que esse elevado índice ocorre por diversos motivos da esfera sociocultural, ou seja, há uma variação para cada sociedade. De modo geral, elementos como força e poder, comumente presentes na maneira como o homem relaciona suas masculinidades com o mundo social, os coloca em situação de vulnerabilidade, como na ocorrência de um delito (Saldanha et al., 2018).

Saldanha et al. (2018) descrevem quatro variantes da masculinidade, sendo elas: a hegemônica, a subordinada, a de cumplicidade e a marginalizada, que de modo geral, representam as relações de poder que os homens estabelecem entre si e com a sociedade em que estão inseridos. Significa dizer, principalmente, que não há uma distinta forma de manifestar sua masculinidade, mas que elas são múltiplas e contextuais.

A masculinidade hegemônica, que compila alguns atributos do comportamento masculino, como a violência, pode vulnerabilizar os homens. A vulnerabilidade aqui descrita diz respeito ao comportamento de estar sujeito a perigo, ou a somatização de danos, resultando na fragilidade individual, ou coletiva (Carmo & Guizardi, 2018). É válido ressaltar, que este não é apenas sujeito ao adoecimento, mas à condição de fragilidade emocional, econômica, social e política (Saldanha et al., 2018).

Ao se vivenciar um espaço de privação de liberdade, composto por hierarquias onde os agentes penitenciários apresentam-se como dominadores da ordem, do poder, da liberdade e da legalidade de suas ações, o homem aprisionado desempenha uma relação de inferioridade, compreendendo-se estático em sua situação, vivendo continuamente o presente, sem uma projeção de futuro (do Amaral et al., 2020). A partir dessa percepção, é fácil compreender que a vulnerabilidade não se encontra somente em sua condição de saúde precária, no isolamento, mas na perda de sua hegemonia, na exclusão social e no

¹ Designação de pessoa que foi condenada juridicamente a uma pena (Brasil, 2022).

confinamento de suas emoções enquanto detento, mas na impossibilidade de visualizar o futuro e passar a compreender isso como sendo o fim (Saldanha et al., 2018).

É neste contexto de vulnerabilidade que os homens privados de liberdade vivenciam o seu cotidiano, sendo a partir da inserção neste cenário que estudantes de enfermagem puderam observar como as masculinidades lá repercutem. Assim, eles vivenciaram a cultura construída e validada pelos atores sociais que sobrevivem nesse universo tão particular. Desse modo, objetivou-se relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem em um complexo penitenciário.

2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência sobre a perspectiva de estudantes de enfermagem acerca de suas vivências acadêmicas em um espaço de privação de liberdade de homens, sob a ótica das masculinidades (Organización Panamericana de La Salud [OPAS], 2019).

Quatro estudantes que cursam enfermagem em uma universidade federal do sul brasileiro imergiram, pelo período de doze meses, entre 2018 e 2019, no território de privação de liberdade de homens em um complexo penitenciário de grande porte, considerado modelo para o país, para desenvolver atividades voluntárias no decorrer de uma pesquisa institucionalizada pela universidade e conduzida por docentes enfermeiros do Curso de Enfermagem, em andamento atualmente, de natureza qualitativa e referenciada pela Antropologia Médica e pelo referencial das Masculinidades, a respeito do universo masculino no ambiente penitenciário, com foco na Saúde do Homem. Os estudantes, supervisionados por docentes, tiveram a oportunidade de observar e participar da rotina institucional e de conviver com os atores sociais que fazem parte do cenário em estudo: agentes de segurança penitenciária (ASP), homens privados de liberdade e equipe de saúde.

O cenário do estudo, Complexo Penitenciário, é composto por uma Penitenciária Industrial e uma Penitenciária Agrícola, ambas habitadas por homens privados de liberdade, uma Penitenciária Feminina e um Presídio, perfazendo um total de 700 pessoas institucionalizadas aproximadamente, e possui uma ampla rede, interna e externa, de empresas colaboradoras para garantir trabalho aos apenados.

Anteriormente e ao longo das atividades semanais de pesquisa, que tinham duração variável de uma a duas horas, os estudantes voluntários iniciaram estudos orientados sobre os temas Homens Privados de Liberdade, Antropologia Médica, Saúde do Homem e Masculinidades (junção de atributos, valores, papéis e comportamentos que são dados essenciais para o homem em certa cultura) para que pudessem preparar-se teoricamente (OPAS, 2019). Também foram apresentados aos setores e foram devidamente submetidos às devidas normas de segurança e protocolos institucionais.

Inicialmente acompanhou-se a rotina dos agentes de segurança penitenciária e durante esse processo pode-se refletir sobre como a segurança institucional é mantida e sobre como a categoria percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, se percebe no ambiente. Posteriormente, buscou-se conhecer a rotina dos profissionais de saúde ali atuantes, médicos, psicólogos, técnicos de enfermagem e dentista.

Foi no espaço destinado à saúde que ocorreu o primeiro contato com os homens privados de liberdade, onde identificou-se os “regalias”, alcunha designada aos apenados que apresentam bom comportamento e são convidados a desenvolver atividades laborais dentro da unidade prisional, fora de suas celas, nos setores de alimentação, higiene ambiental/ serviços gerais, lavoura, manutenção, biblioteca, entre outros.

Para acessar os reeducandos que vivenciavam o regime fechado de liberdade, sem a mesma flexibilização que os regalias, os estudantes desenvolveram grupos educativos orientados junto ao público matriculado no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) e no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em salas de aulas internas, com regalias e não regalias, após as aulas formais dos programas. Nestas circunstâncias os estudantes selecionaram, com apoio docente e da coordenação penitenciária, temas de interesse para aquele público, como estratégias

mobilizadas para enfrentamento da situação de confinamento, higiene pessoal, doenças pulmonares, autocuidado, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e saúde do homem, em geral.

Neste espaço pedagógico, os estudantes permaneceram fisicamente separados dos reeducandos por uma grade que perpassa todo o perímetro da sala. Todas as intervenções possuíam um momento instrucional, com a oferta de conteúdo, e um momento de diálogo e problematização com os reeducandos, para que pudessem expressar suas vivências pessoais e elementos de seu contexto histórico de vida e perspectivas sobre o tema.

Os estudantes registraram em diário de campo suas impressões, questionamentos e sugestões e após cada dia de trabalho esse conteúdo foi problematizado junto aos docentes para construção protagonista do conhecimento sobre a saúde do homem no universo masculino da privação de liberdade.

Após a finalização da pesquisa, os diários foram lidos pela equipe do projeto e discutidos para que se pudesse identificar as experiências mais significativas dos participantes e categoriza-las de acordo com o seu conteúdo. A pesquisa na qual este relato se ampara foi aprovada com o número de parecer 3.246.031 do dia 05 de abril de 2019, pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul, obtendo CAAE: 07049518.2.1001.5564. Respeitou-se os preceitos éticos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

3. Resultados

As atividades do projeto de pesquisa foram desenvolvidas na Penitenciária Agrícola do Complexo Penitenciário, formada por quatro subunidades, a de regime fechado de liberdade, a de regime semiaberto, a de alta periculosidade e o centro uma Unidade Básica de Saúde (UBS), esta, composta por salas de atendimento multiprofissional e de procedimentos médicos, de enfermagem e odontológicos e, ainda, por uma biblioteca. Diferencia-se por conter celas onde os reeducandos do regime fechado esperam para o atendimento.

Observou-se o número elevado de homens idosos, assim como jovens com idade entre 18 e 21 anos. Os ASP são, majoritariamente, do sexo masculino, entretanto também há mulheres nesta função e, pode-se dizer, elas apresentavam atributos ditos masculinos, como aparência física forte e fisionomia com traços hostis, talvez por necessitarem delas para lidar com os homens que transitam em seu cotidiano.

Nas primeiras visitas à unidade prisional, os ASP apresentaram aos estudantes a dinâmica de funcionamento e foi oportunizado o acesso a uma cela vaga naquele momento, para apresentação. Chamou atenção o tamanho reduzido desta estrutura, ainda que adequado à legislação, o forte odor de suor, presença de sujidades, umidade e alguns utensílios, como talheres, espelhos e materiais de higiene pessoal.

Tal cenário gerou questionamentos como: Pode-se considerar a cela um espaço habitável? Como a insalubridade ali constatada influencia o autocuidado e os cuidados em saúde? Os homens privados de liberdade preocupam-se com sua saúde? Como se inscrevem as masculinidades entre os homens ali confinados e em sua relação com os ASP? Como esses homens percebem e exercem sua sexualidade e vida sexual?

Nos relatos dos ASP, notou-se um tom de descrédito às solicitações dos apenados ao mencionarem que muitos solicitam atendimento em saúde diariamente, no entanto, interpretam que esta requisição costuma ser justificativa para que eles possam se ausentar de suas celas e transitarem por outros espaços. Há uma relação de poder entre homens ASP e homens detentos, sendo esta socialmente estabelecida e ratificada juridicamente, pois um é trabalhador e o outro sujeito de indecoro.

Durante as entrevistas do projeto de pesquisa junto aos apenados, os acadêmicos vivenciaram uma situação particular, em que um apenado estava com o marca-passos (algema para os membros inferiores) apertado, sendo possível perceber o garroteamento no tornozelo e o seu desconforto. Ao solicitar a um ASP a suavização do dispositivo de segurança, a equipe de pesquisa foi informada que uma chave para tal ação estaria indisponível. Após a entrevista o mesmo ASP pediu para que a

equipe evitasse esse comportamento diante dos apenados, pois a autoridade dos agentes seria questionada.

Situações semelhantes ocorreram em outros momentos e marcaram o lugar de sujeição do privado de liberdade aos ASP, cuja autoridade moral e institucional foi legitimada pela sociedade e pelo Estado.

As vivências acadêmicas permitiram identificar ruídos e bloqueios de comunicação entre os atores sociais que ali se inscrevem, principalmente entre os profissionais e os apenados. Constantemente os ASP posicionavam-se como juízes, atitude igualmente reproduzida pelos profissionais de saúde, cerceando a voz do público privado de liberdade.

Constatou-se naquele público a carência de informação em saúde, assim como a escassez de ações de prevenção a agravos e a promoção de saúde entre eles.

Os estudantes, acompanhados dos docentes pesquisadores, desenvolveram ações educativas sobre saúde sexual, autocuidado e saúde mental junto aos homens privados de liberdade, em salas de aula do estabelecimento. Uma vez que os ASP se se fizeram ausentes nestas ocasiões, em que os pesquisadores/ estudantes foram separados fisicamente dos participantes por meio de grades de metal fixas nas salas, os homens relataram experiências de vida anteriores ao confinamento, sua relação com a criminalidade - que originou a pena de reclusão, sentimentos de ansiedade, solidão, saudades de familiares e pessoas que lhes foram significativas, indignação e revolta diante da reclusão, relataram sua percepção sobre ressocialização, sobre cuidado em saúde naquele ambiente, sobre a vivência do ócio permanente e de sua impotência em controlar a própria vida, expressaram desesperanças e esperanças.

Esta experiência aproximou os estudantes da história de vida e das angústias exprimidas dos participantes, que os estudantes identificaram como vinculadoras entre eles, e foi objeto de diálogo a respeito da humanidade destes homens.

Nestes encontros os estudantes exerceram a escuta sensível, o acolhimento, técnicas de Relacionamento Interpessoal e perceberam a função educativa em saúde como um cuidado necessário para o desenvolvimento humano/ emancipação/ ressocialização deste público, que participou fortemente de todas as iniciativas.

Em relação às atividades desempenhadas por enfermeiros e técnicos de enfermagem os estudantes identificaram o foco na operacionalização da prescrição médica/ farmacológica e na organização administrativa/ gestão da unidade, com prejuízo das práticas assistenciais e educativas. Um fenômeno identificado junto à equipe de enfermagem foi a distribuição de preservativos restrita a homens que os solicitam junto à equipe. Os preservativos são mantidos sob posse da enfermagem, com a justificativa de evitar o uso do material para armazenar lâminas ou para sufocamento em situações de violências no ambiente.

Todas as demandas citadas remeteram os acadêmicos à problematização de dois eixos de discussão: a Formação Universitária em Saúde/Enfermagem e sua Implicação para a Saúde de Homens Privados de Liberdade e O Referencial das Masculinidades na Compreensão das Relações de Poder no Território da Privação de Liberdade.

Para sustentar as problematizações, os estudantes foram sistematicamente convidados a desenvolver leituras sobre a temática das Masculinidades, da privação de liberdade e sobre saúde no espaço prisional, utilizando-se de autores de bases antropológicas como Conell, Geertz Kimmel e Machado. Estes estudos consolidaram o processo formativo dos mesmos. Ao debruçar-se sobre o primeiro eixo os estudantes concluíram sobre a relevância de inserções formativas nos espaços de privação de liberdade como atividades curriculares obrigatórias, para que os estudantes possam praticar a alteridade tão falada no âmbito da formação em saúde, já que estes espaços confrontam o acadêmico com suas próprias crenças e julgamento morais e seu possível estigma relacionado à pessoa que cometeu o crime, durante as situações de produção do cuidado. Por conseguinte, ao estudante seria requerido, nestas incursões formativas, apropriar-se da cultura produzida nas prisões, como a aproximação com o linguajar e os distintos papéis sociais ali desempenhados.

Os estudantes acreditam, baseados nas suas experiências em campo, que o profissional de saúde disposto a atuar nesse cenário se engendra em vivências peculiares quando comparadas a outros cenários de produção de saúde e que este profissional, incluindo o da área de enfermagem, precisa reconhecer esta distinção e se amparar com conhecimento específico

sobre o funcionamento microssocial e histórico naquele habitat para desenvolver posicionamento crítico e humanização nas ações de cuidado, de forma que as ações de prevenção e promoção da saúde sejam reflexo das necessidades dos privados de liberdade. Acredita-se, ainda, na necessidade da implementação e avaliação de atividades educativas em saúde junto a este público, uma vez que, como experienciado, à oferta de informações em saúde, sobretudo construídas a partir das diligências dos presos, parecem ter alcançado importantes benefícios para o autocuidado.

Em relação ao segundo eixo, os estudantes passaram a refletir sobre as masculinidades presentes nas relações entre homens no território de privação de liberdade. Concluíram que é notório que há uma disputa constante de poder, entretanto, é uma disputa que tende a ter o ASP como vencedor. Esse poder nas relações entre homens presos e homens ASP é endossado à medida que os apenados precisam convencê-los sobre seu adoecimento, como critério para acesso ao cuidado profissional em saúde. Naquele espaço os apenados dificilmente assumem o controle das relações masculinas, ao se relacionarem com os ASP, e buscam assinalar suas posições de poder, expressa em violências, junto a outros privados de liberdade que apresentem características corporais que os tornem potencialmente domináveis em termos de musculatura, altura, idade e orientação sexual.

4. Discussão

Compreende-se que o protagonismo feminino dentro do espaço prisional é, muitas vezes, delimitado a partir de pressupostos heteronormativos resultantes do militarismo, onde a hegemonia masculina determina certos comportamentos, que por sua vez passam a expressar-se em condutas mais frígidas e sisudas (Scartazzini & Borges 2018). Esses comportamentos, foram percebidos no local da pesquisa, em ASP femininas, que por sua vez, são julgadas e regularmente testadas por seus colegas de trabalho e até mesmo pelos privados de liberdade. Para D'Angelo, et al. (2018), a mulher passa a ter que percorrer um caminho de imposição para adequar-se ao sistema majoritariamente composto por homens e a partir disso buscar seu espaço, muitas vezes, performando estereótipos vistos como masculinos.

Constatou-se um ambiente insalubre em termos de calor, higiene, ventilação, aglomeração de apenados, restrição de espaços de circulação extra celas para banho de sol que podem prejudicar a saúde/ saúde mental. O direito à saúde também é desfavorecido pelo contato indireto entre profissionais de saúde e prisioneiros, como ilustrado pela imagem universal do “telefone sem fio”, perpassando o profissional ASP, que define quem será atendido pelo setor de saúde naquela ocasião mediante a análise de pedidos do público, partindo-se da premissa de ser este profissional um opressor desse público privado de liberdade (D'Angelo et al., 2018).

Apesar das condições observadas e da crítica que se constituiu sobre o espaço e as relações que ali se estruturam, esta penitenciária ainda garante a lotação de quatro homens por cela, o que condiz com o número de leitos e com a estrutura do local. A Lei 7210 (1984), Lei de Execução Penal que determina que o espaço das celas não deve ser inferior a seis metros quadrados e seu limite de capacidade deve ser compatível com os objetivos de individualização da pena, cabendo ao apenado a higiene local e a conservação de seus objetos pessoais.

O espaço prisional é, reiteradamente, insalubre e prejudicial à saúde, o que pode ser constatado por índices de doenças relacionadas ao ambiente, como pneumonia, ISTs, dermatites, bem como pelo estado e hábitos deficientes de higiene pessoal. O confinamento, o funcionamento das relações intrainstitucionais e o sedentarismo estão ainda relacionados ao desenvolvimento e intensidade de agravos de natureza emocional/ psiquiátrica (Marega et al., 2020).

Santana e Reis (2019), recomenda a qualificação profissional de ASP para que o diálogo com a equipe de saúde e de segurança garantam seguridade e viabilizem o acesso a saúde, ampliando o escopo de atuação do corpo médico dentro dessas unidades e para reduzir a estigmatização deste grupo, fatores fundamentais para a ressocialização, em esforços para superar o modelo curativista e punitivo.

Estudos de Machado, Becker, Oliveira, Possuelo e Renner (2019), indicam um significativo volume de IST no público de homens privados de liberdade, concluindo que o sexo sem proteção entre indivíduos do mesmo sexo e por via anal pode ser um fator implicado na estatística e modificável por intervenções do campo da saúde.

Numa perspectiva global, a saúde de pessoas em privação de liberdade é preocupante e vem sendo crescentemente alvo de estudiosos no mundo todo e de governantes e formuladores da Lei. Apesar da criação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional (PNAISP), de 2014, o Brasil se destaca no número de casos de tuberculose, hepatites virais e ISTs em geral (Machado et al. 2019). São fatores determinantes para esse crescimento a insalubridade das celas, a exposição a violências de todos os gêneros, estímulos sexuais decorrentes do encarceramento, a falta de manutenção da promoção e prevenção em saúde, o descaso estatal e a precariedade da vigilância epidemiológica (Bossonario et al. 2020).

Em um comparativo de Albuquerque et al. (2014), dos países Bélgica e Inglaterra, aponta uma com 1,3% e outra com 0,1% de infecções pelo vírus HIV. Já o Brasil, se mantém com elevado número, chegando a marcar 12 infectados a cada 1000 detentos (1,19%). A estimativa de soro prevalência para o HIV é de cerca de 1,6% a 25,0%, onde a maioria dos positivado desse quadro reconhecem que tiveram atitudes e práticas inadequadas, já para sífilis, IST que mais acomete os detentos brasileiros, a variável é de 4% a 18%. Estudos também denotam que a maioria dos HPL (homens privados de liberdade) entram na detenção não possuindo ISTs, porém, os que adquirem ou já possuem histórico de infecções detém comportamentos de risco e tem conhecimento do mesmo (dos Santos et al., 2021). Apesar da compreensão da alarmante situação das ISTs no Brasil, não há dados estatísticos específicos para esse público, nem em sites oficiais ou em ONGs, dessa forma há uma lacuna de informações que podem servir de subsídio para que os gestores proponham ações de saúde aos homens apenados.

O sofrimento psíquico em HPL foi relacionado a uma constante desconfiança e estado de vigilância para com seus companheiros de cela, condição essa que afeta sua capacidade de socializar, tanto dentro quanto fora da prisão (Novais et al., 2021). Segundo Constantino, Assis e Pinto (2016), o estresse tende a ser maior no público carcerário feminino do que no masculino, com valores em 57,9% em mulheres e 35,8% em homens, assim como acontece com o humor depressivo, que afeta cerca de 47,1% e 31,1%, respectivamente.

No tangente a convivência dos homens apenados, nota-se a capacidade masculina de moldar sua masculinidade diante de situações e ambientes hierárquicos. Na unidade prisional, temos uma “ordem” que define a posição de cada homem, os “inclusos” e os “forasteiros”, mais especificamente, os que compartilham das ideias e ideais do grupo e os que se diferenciam delas. A performatividade masculina nesse ambiente é frequentemente revelada pelos apenados por conta de um pertencimento forjado à grupos internos, nesse caso, facções. O pertencimento à uma ordem acaba por definir junções e distanciamentos de detentos, mas a construção de uma nova identidade e a busca pelo pertencimento e estabelecimento de poder são constantes (Stewart, 2020).

Do lado de fora das celas, mas também se compreendendo como sujeitos hierárquicos estão os ASPs, que constantemente acabam por impor ordens ou estabelecer uma linha de subjugação dos detentos para que haja um limite de interação, mas que denotam a fragilização do sujeito apenado diante da posição hierárquica que ocupa o ASP, visto que sua posição é considerada a personificação do Estado, aplicando sentenças punitivas e violentas (Monteiro & Araujo, 2018). Esses posicionamentos tendem a ter um caráter paternalista, visto que, uma figura de maior poder como os ASP passa a sentenciar os comportamentos dos apenados, muitas das vezes partindo de suas convicções pessoais e frequentemente sugerindo mudanças relacionadas ao futuro, a busca por um emprego e ao apelo emocional.

A PNAISP (2014) surge da necessidade de mudanças na saúde prisional, visando a garantia da autonomia dos serviços em saúde dentro da prisão, a humanização e qualificação do atendimento, a aproximação desse contexto com as políticas de direitos humanos, afirmativas e sociais básicas, a impulsão da participação social e, principalmente, a promoção do

acesso aos serviços de atenção primária em saúde das pessoas privadas de liberdade. Na realidade presenciada, observa-se a necessidade dessa política na formação situacional desses profissionais para a atuação em um sistema de saúde prisional, que muito se diferencia do sistema de saúde aberto. Nele, a enfermagem em suas práxis deve atuar como redutora das iniquidades e desigualdades vividas por este ou demais grupos que possuem, por meio da subjugação social ou distanciamento da normatividade, uma diminuição de seus direitos humanos básicos (Barbosa et al. 2019). Numa percepção global, esses profissionais em sua maioria acabam por se restringir ao tratamento sintomático/ farmacológico que emoldura as práticas curativistas e ineficazes sustentadas pelo modelo biomédico em saúde, visto a dificuldade de pensar em um protocolo de promoção à saúde que seja realmente efetivo nestas condições. Também, acabam por adoecer devido a insalubridade permanente, a baixa produtividade de seus serviços em saúde e a alta demanda de trabalho distribuída em uma equipe reduzida (Santana & Reis, 2019).

Nesse sentido, identificou-se uma lacuna no que diz respeito à formação do profissional em saúde e, em especial, do enfermeiro/ da enfermagem, para se trabalhar equitativamente com as subjetividades em contextos sociais diferentes do padrão hospitalar e assistencial. O exemplo do controle da distribuição de preservativos, justificado pela segurança dos próprios privados de liberdade, se mostrou paradigmático para reconhecer a deficiente autonomia da categoria e o papel de controle e vigilância perpetuado pela enfermagem no cenário prisional, da instituição total.

O lugar assumido pelo enfermeiro, no contexto vivido pelos estudantes, coloca em xeque a estrutura paradigmática da formação, a responsabilidade social e implicação das instituições de ensino superior, a abrangência dos programas institucionais de integração ensino-serviços e a implicação do Sistema Único de Saúde na PNAISP e na qualidade das práticas de saúde no território prisional.

Nesse sentido, a unidade prisional necessita dos conhecimentos transversais e para além da técnica de ser enfermeiro, educação em saúde continuada que contemple a realidade prisional e permita adequar fidedignamente todos os preceitos da política nacional. Carece também, de um olhar humanizado que observe a disparidade e contradições do atendimento em saúde dentro e fora da prisão, compatibilizando a gestão do cuidado em saúde com as necessidades humanas daqueles homens e com as características historicamente definidas da Instituição penitenciária, de forma que se possa estruturar um cuidado baseado em evidências, ampliado, ético que supere iniquidades e estigmatização deste grupo.

5. Considerações Finais

Estudantes de enfermagem se desafiaram a perscrutar o território complexo e socialmente legitimado da privação de liberdade e tiveram a oportunidade de aprofundar uma compreensão – social, histórica e ampliada - sobre o campo da saúde e sobre o papel da enfermagem inscritos neste cenário. Foram convidados a tecer relações duradouras com HPL, a escutar suas histórias de vida, a se vincular com eles – considerando-se os limites institucionais e de segurança para esta vinculação, a enfrentar seus próprios estigmas e medos e a partilhar com eles seus saberes sobre saúde e autocuidado.

O presente relato pretendeu socializar alguns elementos, longe de serem esgotados, que fundaram uma experiência estudantil extensionista no cuidado em saúde e na educação em saúde sustentada pelo referencial das Masculinidades, que subsidiou críticas sobre a insuficiência na formação em saúde/em enfermagem para a gestão do cuidado junto a homens privados de liberdade, ainda que haja uma política de saúde específica para este contexto. Os estudantes exploraram as relações de opressão entre homens que controlam e homens que são dominados, com deslocamento da hierarquia para os próprios pares de homens privados. A Masculinidade foi percebida pelos estudantes como característica da mulher ASP, percebida como necessária para o contato diário junto a esses homens.

As limitações do relato de experiência dizem respeito ao número de estudantes que compuseram a experiência desse estudo. Uma das estratégias utilizadas para minimizar os danos relacionados a essa limitação, foi buscar aprofundamento

teórico das experiências, para que ocorresse um diálogo entre a prática e a literatura científica.

Compreende-se que a construção do conhecimento acerca da temática das masculinidades e vulnerabilidades dos homens privados de liberdade deste estudo, fornece ferramentas para o aprimoramento da prática do cuidado, baseado nas especificidades da saúde do homem, especialmente na condição de apenado. Essa busca por novos elementos contextuais e culturais deve sempre prevalecer para que ocorra o enriquecimento da bagagem do futuro enfermeiro e a edificação de uma enfermagem igualitária e equânime em todos os cenários.

Referências

- Albuquerque, A. C. C. D., Silva, D. M. D., Rabelo, D. C. C., Lucena, W. A. T. D., Lima, P. C. S. D., Coelho, M. R. C. D., & Tiago, G. G. D. B. (2014). Soroprevalência e fatores associados ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e sífilis em presidiários do Estado de Pernambuco, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19, 2125-2132.
- Araújo, J. S., & Zago, M. M. F. (2019). Masculinities of prostate cancer survivors: a qualitative metasynthesis. *Revista brasileira de enfermagem*, 72, 231-240. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0730>
- Barbosa, M. L., Medeiros, S. G. D., Chiavone, F. B. T., Atanásio, L. L. D. M., Costa, G. M. C., & Santos, V. E. P. (2019). Ações de enfermagem para as pessoas privadas de liberdade: uma scoping review. *Escola Anna Nery*, 23. 10.1590/2177-9465-EAN-2019-0098
- Bossonario, P. A., Saita, N. M., Andrade, R. L. D. P., Santos, G. P. D., Nemes, M. I. B., & Monroe, A. A. (2020). Assistência às pessoas com HIV/AIDS no cárcere: revisão da literatura. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 29.
- Brasil. (2014). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Coordenação de Saúde no Sistema Prisional, 1. 60.
- Brasil. (2018). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN. Presos em Unidades Prisionais no Brasil. Brasília: Ministério da Justiça - Departamento Penitenciário Nacional e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de: encurtador.com.br/oqIK5
- Brasil. (2022). Vade Mecum Saraiva. Editora Saraiva, 33.
- Carmo, M. E. D., & Guizardi, F. L. (2018). O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Cadernos de Saúde Pública*, 34. 10.1590/0102-311X00101417
- Constantino, P., Assis, S. G. D., & Pinto, L. W. (2016). O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21, 2089-2100.
- D'Angelo et al. (2018). Performatividades de gênero em unidades prisionais femininas do Rio de Janeiro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(SPE2), 44-59.
- Do Amaral, D. O., Dalla Mora, G. F., & da Silva, A. M. B. (2020). A vida atrás das grades: uma revisão sistemática da literatura acerca da realidade imposta pelo cárcere. *Revista Mundi Sociais e Humanidades* (ISSN: 2525-4774), 5(3).
- Dos Santos, F. D. A. V., de Sousa Ventura, A., Lima, S. D. S., & da Penha, J. C. (2021). Ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis e o uso do preservativo masculino por detentos. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 95(33).
- Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Lei de Execução Penal. Brasil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm.
- Machado, F., Becker, D., Oliveira, C. F. D., Possuelo, L. G., & Renner, J. D. P. (2019). Seroprevalence of HIV, hepatitis B and C and syphilis infection in prisoners of the central region of Rio Grande do Sul, Brazil. *O mundo da Saúde*, 1, 117-128. 10.15343/0104-7809.20194301117128
- Marega, G., Shima, V. T. B., & Teston, A. P. M. (2020). O uso de psicofármacos no sistema prisional: um trabalho de revisão. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 79888-79905.
- Monteiro, R. P., & Araújo, J. N. G. (2018). Manicômio judiciário e agentes penitenciários: entre reprimir e cuidar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 144-158.
- Novais, D. G., de Jesus, L., & Medrado, A. C. G. (2021). Sistema prisional e a ressocialização: Uma revisão narrativa da literatura. *Brazilian Journal of Development*, 7(10), 98035-98052.
- Organización Panamericana de la Salud (OPAS) (2019). Masculinidades y salud en la Región de las Américas. Washington, D.C.: OPAS.
- Saldanha, J. H. S., Lima, M. A. G. D., Neves, R. D. F., & Iriart, J. A. B. (2018). Construção e desconstrução das identidades masculinas entre trabalhadores metalúrgicos acometidos de LER/DORT. *Cadernos de saúde pública*, 34. 10.1590/0102-311X00208216
- Santana, J. C. B., & Reis, F. D. A. (2019). Percepção da equipe de enfermagem acerca da assistência à saúde no sistema prisional. *Rev Fund Care Online*, 11(5), 1142-1147. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1142-1147>
- Scartazzini, L., & Borges, L. M. (2018). Condição psicossocial do agente penitenciário: uma revisão teórica. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 45-53.
- Stewart, W. (2020). Reflections on the Performance of Emotion, Masculinity, and Position Within a Prison Ethnography. *Journal of Forensic Nursing*, 16(2), E14-E20.